



Resgate do imaginário feminino: A Representação da mulher escritora oitocentista em *Lésbia*, por Maria Benedita Bormann

Rescuing the female imaginary: The representation of nineteenth-century women writers in *Lésbia*, by Maria Benedita Bormann

Rescatar el imaginario femenino: La representación de las escritoras del siglo XIX em *Lésbia*, de Maria Benedita Bormann

*Milena Placido Silva*¹

*Edwirgens A. Ribeiro Lopes de Almeida*²

RESUMO

Acreditava-se que a escrita era apenas um dom masculino e que as mulheres não possuíam imaginação e destreza para tal carreira, indo contra esse pensamento, no ano de 1884, Délia publica o romance *Lésbia*. Nesse artigo discutimos as dificuldades e desafios da mulher que pretendia ser escritora e o impacto que tal decisão causava na sociedade do século XIX, a partir do romance *Lésbia*.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita Feminina. Século XIX. Maria Benedita Bormann.

ABSTRACT

It was believed that writing was only a male gift and that women lacked the imagination and skill for such a career. Going against this thinking, in 1884, Délia published the novel *Lesbia*. In this article, we discuss the difficulties and challenges faced by women who wanted to be writers and the impact that such a decision had on 19th century society, based on the novel *Lesbia*.

KEYWORDS: Women's Writing. 19th Century. Maria Benedita Bormann.

RESUMEN

Se creía que escribir era sólo un don masculino y que las mujeres carecían de la imaginación y la destreza necesarias para tal carrera. En contra de este pensamiento, en 1884, Délia publicó la novela *Lesbia*. En este artículo, analizamos las dificultades y los retos a los que se enfrentaban las mujeres que querían ser escritoras y el impacto que tal decisión tuvo en la sociedad del siglo XIX, basándonos en la novela *Lesbia*.

PALABRAS CLAVE: Escritura femenina. Siglo XIX. Maria Benedita Bormann

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários da Universidade Estadual de Montes Claros – Minas Gerais. E-mail: milena.placidosilva@gmail.com.

² Pós-doutoranda em Literatura –UFMG. Doutora em Literatura –UNB. Doutora em Literatura espanhola e hispano-americana-USP. Professora do Departamento de Comunicação e Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Universidade Estadual de Montes Claros – Minas Gerais. E-mail: edwirgensletras@yahoo.com.br.

* * *

Introdução

No livro *Minha história das mulheres*, a autora Michelle Perrot afirma que, “escrever história das mulheres é sair do silêncio que elas estavam confinadas” (Perrot, 2015, p. 16). Durante muitos anos, as mulheres permaneceram no silêncio e esquecidas. Por muito tempo, acreditou-se que a escrita era apenas um dom masculino e que as mulheres não possuíam imaginação e destreza suficientes para tal carreira. Em contrapartida, existiram várias mulheres escritoras que viveram nos séculos passados e escreveram grandes obras, desde Safo da ilha de Lesbos a Clarice Lispector, aqui no Brasil, e inúmeras outras escritoras contemporâneas. Uma grande diferença e, talvez um grande obstáculo que ainda existe nos dias atuais, é que, grande parte dessas autoras, ainda está esquecida. Enquanto os grandes e consagrados autores ganham as prateleiras de livrarias e bibliotecas escolares, as autoras permanecem no limbo do esquecimento.

No século XIX, não era comum a escrita realizada por mulheres, porém existiram mulheres que desafiaram os códigos de conduta que eram impostos a elas e, com isso, escreveram grandes obras. Nesse meio, estava Maria Benedita Bormann, uma escritora brasileira que, assim como diversas escritoras de sua época, encontra-se esquecida.

Maria Benedita Câmara Bormann nasceu no dia 25 de novembro de 1853, em Porto Alegre. Bormann fazia parte de uma família de grande prestígio social e político. Faleceu no ano de 1895. Adotou para si o pseudônimo de Délia. Naquela época, era comum as mulheres adotarem para si pseudônimos masculinos, como foi o caso de Amelie Dupin (George Sand), Eugénie - Caroline Safrey (Raoul de Navery), as irmãs Brontë – Anne, Charlotte e Emily (Acton Bell, Currer Bell e Ellis Bell). Era comum também que as autoras abreviassem os seus nomes, como no caso da autora britânica Phyllis Dorothy James, que publicou como P. D. James (Cult, 2018). Esse tipo de situação também é comum até nos dias atuais, um exemplo que temos de tal fato é a autora J. K. Rowling que usou a abreviação do seu nome para publicar a série Harry Potter e, que

também utilizou o pseudônimo Roberth Galbraith para publicar *O Chamado do Cuco*. A utilização de pseudônimos masculinos e a abreviação dos nomes por mulheres autoras se dá devido ao fato de que, desde os primórdios, a escrita feminina não era bem vista, muitos acreditavam que escrever era um dom somente masculino, um trabalho que não era destinado às mulheres. Com o passar dos anos, houve algumas mudanças, mas o preconceito com a escrita feminina permaneceu. Muitas autoras da atualidade acabam publicando com pseudônimos ou utilizando abreviações devido ao fato de que autoras são quase sempre subestimadas, quando não escrevem nos gêneros mais corriqueiros para o público feminino.

O caso de Bormann é um pouco diferente das outras autoras que utilizavam e utilizam pseudônimos em suas publicações. Bormann não utilizou um pseudônimo masculino, muito menos abreviou o seu nome. Ela usou para si um pseudônimo feminino, assim como a sua personagem do livro *Lésbia*. Para Bormann, nasceu de si uma nova mulher, uma escritora que estava disposta a lutar pelo seu lugar e pelos seus direitos. Apesar da sua garra e ambição, ela preferiu se expressar através do anonimato. Norma Telles argumenta que "Lésbia ou Délia, a personagem e a autora, usam pseudônimos, embora sejam ambiciosas e busquem respeito público. Conflito e ambiguidade latente, necessidade de disfarce em meio à necessidade de afirmação" (Telles, 2012, p.379). Esse era o desejo de Bormann e Arabela, ao escolherem pseudônimos femininos, isto é, disfarçarem-se como uma forma de proteção e se afirmarem como mulher escritora e tão capaz quanto os homens.

A obra selecionada como nosso objeto de estudo foi *Lésbia*. Ela conta a história de Arabela, uma moça comum, que teve os ensinamentos para ser uma boa esposa e dona de casa. Porém, desde o princípio da história, podemos perceber que Arabela possui comportamentos que assustam aqueles que estão à sua volta. Ela é uma mulher inteligente, que gosta de argumentar e mostrar o que sabe. Depois de um tempo, após terminar um casamento infeliz e completamente abusivo, ela decide seguir a carreira literária e, assim, se vê diante de vários obstáculos. Quando consegue alcançar o seu sonho, ela é logo questionada, pois não era algo normal uma mulher publicar os seus escritos, muitos chegam até a dizer que seu livro só foi publicado por causa da sua beleza,

outros criticam a sua escrita e dizem que, provavelmente, não foi ela quem escreveu, o que era comum naquela época, muitas autoras serem criticadas quando publicavam pelo simples fato de serem mulheres.

O século XIX foi uma época em que a mulher era, predominantemente, descritas apenas com um ser criado para os trabalhos domésticos, para servir ao marido e viver para o lar. A mulher era educada para ser mãe e esposa; qualquer mulher que se opusesse a essa condição seria discriminada pela sociedade. Foi o que aconteceu com Arabela, mas, apesar das críticas, ela não ficou passiva, pelo contrário, ela mostrou que a mulher deve lutar pelos seus direitos até conquistá-los.

Maria Benedita Bormann representa a mulher sob duas perspectivas em *Lésbia*: de um lado, a visão preconceituosa e discriminatória da sociedade; do outro, a voz da personagem que se aproxima da voz narrativa, para afirmar a competência e a busca da emancipação feminina. Tem-se uma mulher forte, que luta contra todos os preconceitos e dificuldades da época, para conquistar os seus sonhos.

A escolha por este livro se deu devido ao fato de encontrar uma personagem completamente diferente da maioria das personagens que são retratadas nos livros escritos no século XIX. Arabela, apesar de ser a mulher idealizada fisicamente, foge de todos os padrões impostos naquela época.

Durante toda a história, a personagem mostra ser uma mulher forte e independente que está sempre em busca dos seus sonhos e que, também, está disposta a lutar por eles. Ela não se cala enquanto não consegue o que quer, nos mostrando que, naquele século, não existiam apenas mulheres que pensavam em casamento, em ser donas de casa e boas mães. Existiram também aquelas que desejavam conquistar o seu lugar em diversas áreas, assim como o homem. A escolha do livro *Lésbia* também se deu devido ao fato da necessidade de se estudar a mulher autora, que não era algo comum naquela época e, também estudar a mulher leitora, como era a leitura das mulheres daquela época e como os diversos tipos de literatura influenciavam a vida da mulher oitocentista.

Assim, este trabalho pretende investigar, a partir da perspectiva da personagem Arabela, criada pela autora Maria Benedita Bormann, como era a vida da mulher escritora do século XIX, quais eram os desafios que apareciam

em seu cotidiano, como eram vistas as mulheres que decidiam seguir essa carreira e como eram recebidas no meio literário. Pretende-se estudar também a representação da mulher leitora e demonstrar o quanto a leitura era algo que afetava o seu cotidiano e os seus atos perante a sociedade.

Nossa investigação é de cunho bibliográfico crítico-analítico, e tem como principal objeto o livro *Lésbia*, da autora Maria Benedita Bormann. Pretende-se analisar a representação da mulher autora e leitora do século XIX, a fim de discutirmos as dificuldades e desafios que existiam na vida da mulher que pretendia ser escritora e o impacto que tal decisão causava na sociedade.

1 Mulheres na imprensa: A Representação da mulher escritora em *Lésbia*

No decorrer da história, as mulheres sofreram um processo de silenciamento e exclusão. “O sujeito que fala é o masculino, na literatura, na lei e na tribuna. A eles são reservados os lugares de destaque, tornando o homem o mais viável.” Afirma Lia Scholze em *A Mulher na Literatura: gênero e representação* (Scholze, 2002, p.175).

Nos séculos passados, os homens dominavam todas as áreas, enquanto cabia à mulher apenas o ambiente doméstico. Tais causas fizeram com que as mulheres, que tentaram fugir do seu ambiente comum, serem muitas vezes criticadas, silenciadas e excluídas. Sabemos hoje, pelo resgate atual da história das mulheres, que vem sendo feito por diversos pesquisadores que, nos séculos passados, a mulher dominou diversas áreas e não somente ficou no ambiente doméstico. Conforme Norma Telles, a partir do século XVIII, formulou-se um discurso sobre a natureza feminina definindo a mulher:

quando maternal e delicada, como força do bem, mas, quando “usurpadora” de atividades que não lhe eram culturalmente atribuídas, como potência do mal. Esse discurso que naturalizou o feminino, colocou-o além ou aquém da cultura. Por esse mesmo caminho, a criação foi definida como prerrogativa dos homens, cabendo às mulheres apenas a reprodução da espécie e sua nutrição (Telles, 2004, p.337).

Na escrita não foi diferente, “À mulher é negada a autonomia, a subjetividade necessária à criação” (Telles, 2004, p.403). A escrita era vista como algo masculino e para a mulher cabia apenas o papel de musa inspiradora

e nunca a criadora. No entanto, houve mulheres que ousaram quebrar esse paradigma, pode-se dizer que começaram a escrever nos “cadernos goiabada”, como denomina Lygia Fagundes Telles citada no texto de Norma Telles, que eram cadernos nos quais as moças escreviam sobre seus pensamentos e que, muitas vezes, acabavam se perdendo após o casamento, uma vez que, após casada, a mulher não poderia ter mais segredos, então os seus escritos eram feitos em meio às suas receitas num caderninho, que foi chamado pela Lygia de “caderno goiabada”.

A personagem Arabela do romance *Lésbia* também teve o seu caderno de pensamentos. No entanto, ela não o criou antes do casamento e, sim, depois, como uma forma de conforto para os problemas e adversidades que estava passando. Entre as mulheres oitocentistas, ela tinha um diferencial, sua família nunca lhe privou o conhecimento, assim ela seguiu como era imposta na época, terminando os estudos e indo a busca de um casamento. O primeiro problema que Arabela encontrou por não seguir o que era imposto às mulheres foi o seu marido. A princípio parecia ser um homem bom, mas logo após o casamento, ela percebeu que ele não era o homem ideal para ela. O narrador o descreve como um homem de "trinta anos, fisionomia biliosa, vulgar, antipática" (Bormann, 1998, p.37).

O primeiro capítulo se inicia com Arabela em seu quarto, enquanto no térreo de sua casa está acontecendo um sarau. Ela não sente vontade de descer devido à forma como é tratada pelo marido. Neste primeiro capítulo, Arabela é citada como uma menina "dotada de extraordinária inteligência, sentia viva necessidade de aprender e esmerilhar o porquê de todas as coisas; satisfazendo sempre aos professores e habituando-se a ser a primeira entre as condiscípulas, que a respeitavam e adulavam, invejando-a" (Bormann, 1998, p.39). Assim como muitas meninas daquela época, Arabela deixou o colégio aos quinze anos e teve a sua estreia na sociedade. O narrador afirma que ela participou de festas, conquistando admiração dos rapazes e a antipatia das mulheres. Pelo fato de ser uma menina inteligente, Arabela, segundo o narrador, “durante um ano abrilhantou as festas onde ia, excitou a admiração dos homens e a cólera das mulheres; muito jovem ainda, cingiu o dilema de incontestável superioridade, que tão prejudicial se torna àquelas que o trazem" (Bormann, 1998, p.39). No

século XIX, não era comum uma mulher que tivesse conhecimento suficiente para falar de assuntos além dos "assuntos de mulheres", ou pelo menos era o que se esperava. Devido ao fato de Arabela ser uma mulher leitora, ela conseguia conversar sobre vários assuntos e isso começou a incomodar o seu marido, pois ele acreditava que ela exercia um papel que não lhe cabia e, devido a isso, sempre que podia a humilhava em público, como no trecho em que ele diz "És insuportável! Uma preciosa ridícula!" (Bormann, 1998, p.40) após Arabela se posicionar sobre um determinado assunto em uma conversa. Isso a fez se arrepende do casamento e viver uma constante tortura, sempre triste e angustiada, "passara o pobre coração por todas as fases, em que o amor se extingue: amargura, rancor e enfim o tédio, que nada mais acende, nem apaga" (Bormann, 1998, p.41). O marido de Arabela, assim como vários outros homens oitocentistas, esperava o silêncio, a invisibilidade da mulher, pois isso fazia parte da ordem das coisas. Era incomum uma mulher se impor, falar e sair da sombra, isso causava medo, aproximava da indecência. Paulo disse, em sua primeira epístola a Timóteo que,

A mulher ouça a instrução em silêncio, com espírito de submissão. Não permito à mulher que ensine nem que se arrogue autoridade sobre o homem, mas permaneça em silêncio. Pois o primeiro a ser criado foi Adão, depois Eva. E não foi Adão que se deixou iludir, e sim a mulher que, enganada, se tornou culpada de transgressão. Contudo, ela poderá salvar-se, cumprindo os deveres de mãe, contanto que permaneça com modéstia na fé, na caridade e na santidade (I Tim 2, 11-15).

Não só no passado, como também nos dias atuais, a sociedade ocidental se baseia muito no que foi escrito na Bíblia, as religiões cristãs são as que mais conseguiram fiéis ao redor do mundo, levando a palavra do livro sagrado como uma verdade absoluta e se baseando nele para a escrita dos códigos de conduta. Na Grécia, Hipitáia de Alexandria foi considerada a primeira mulher científica. Ela recebeu uma forte educação neoplatônica e acabou sendo brutalmente assassinada por homens cristãos. O preconceito pela intelectualidade feminina se estendeu por muitos anos. Arabela não era a mulher que ouvia tudo em silêncio e era submissa, isso para ela era uma afronta a seu ser mulher. Assim

como muitas outras mulheres que se impuseram, ela foi julgada, taxada como imoral, humilhada pelo próprio marido.

Não suportando a humilhação, Arabela depois de um tempo acaba deixando o marido. Naquela época, não era permitido à mulher recorrer ao divórcio. Mesmo assim, ela voltou para casa dos seus pais e ali permaneceu depois de descobrir que o marido estava inventando mentiras sobre ela e tentando manchar a sua reputação perante a sociedade. Em seguida, ela acaba tendo outro romance, que também não era algo como ela esperava, pois o rapaz a trai. Arabela vai até um bordel onde encontra seu pretendente e ali termina o romance. Segue o trecho:

Deu ela volta ao trinco da porta e ia entrar na sala com andar de espectro, em desalinho emergindo-lhe a formosa cabeça das rendas sombrias do véu que lhe caíra sobre os ombros, destacando-se das roupas em marmórea brancura o lívido semblante.

As risadas das cortesãs envergonharam-na. Traçou o véu espesso, e nele se ocultando, apresentou-se de pé à porta, como uma visão funesta, impondo silêncio àqueles espíritos conturbados pelo álcool; caminhou a custo e um minuto apoiou-se à cadeira fronteira a Sérgio, cravando-lhe o olhar ardente, febril, cheio de censuras e maldições (Bormann, 1998, p.65).

Nesse momento, Arabela se encontra em uma grande tristeza, o narrador descreve como se a personagem tivesse perdido o sentido da vida. Nesse meio tempo, em busca de uma distração, Arabela começa a ler os livros da biblioteca de seu pai, onde encontra o livro *Máximas de Epicteto*. No livro, ela lê um pequeno trecho que a faz conquistar o ânimo e ter novamente um propósito para viver

auxiliada pelo filósofo, distingo perfeitamente a diferença latente que existe entre essas coisas, que, no entanto, à primeira vista, se confundem! O sentimento, ou por outra, o pesar depende de nossa vontade, da nossa cobardia em o aceitarmos, sem prévia oposição, deixando-nos subjulgar com a estúpida passividade do fatalismo"...Não"... Eu saberei vencer o que tanto me oprime, porque sei querer e hei de triunfar! (Bormann, 1998, p.74).

Veja que Bormann quis mostrar em seu livro que a leitura é uma forma de libertação, de reflexão que provoca mudanças. A leitura é “emancipadora, libertadora, iluminadora e nos permite observar a vida através de muitos outros

olhares, o que nos amplia a visão de mundo” (GARCEZ, 2012). Através da leitura, Arabela encontrou, como mulher, a sua voz, ela soube impor e lutar pelo seu lugar. Depois de muito pensar e erguendo-se do estado de tristeza em que se encontrava, Arabela decide que aquele era o momento certo para ela começar a trabalhar a sua imaginação e colocar tudo que pensava e sentia no papel:

E por que não escreverei tudo que me vem à mente?... Acaso sofrem mais do que eu os que escrevem?...talvez, nem tanto!... Possuem talento, é certo, são atraídos pelas fulgurações do ideal e do belo, necessitam de aplausos, anseiam pelas dilacerações dessa engrenagem que se chama vida literária, mas, como eu, sentem seguramente o ardente desejo de vaziar no papel essas lágrimas, que não podem mais correr dos olhos requeimados e os gritos de angústia que sufocam! Eles têm um fim, miram um resultado qualquer, e eu só ambiciono desabafar o peito oprimido!... para eles tudo - os risos do triunfo, as emoções da luta e as lágrimas acrimoniosas; para mim - a quietação do desafogo! (Bormann,1998, p.76).

A leitura é um processo que nos permite aprender a dialogar, interpretar, refletir e avaliar tudo que existe à nossa volta. Ela é uma porta de entrada para o conhecimento, uma forma que mostra como o ser humano deve se posicionar em determinadas situações. Conforme diz Lucília Garcez em *A Leitura da Leitura* (2012), a leitura nos proporciona “o pensamento abstrato, a memorização, a atenção voluntária, o comportamento intencional, as ações conscientemente controladas, a generalização, as associações, o planejamento, as comparações, ou seja, as funções superiores da mente que nos fazem humanos” (Garcez, 2012). Para Arabela, não bastou apenas a leitura para sua libertação, ela precisava externar aquilo que a amargurava e, assim, ela encontrou na escrita o seu alicerce, uma vez que, na maioria dos livros, de autoria masculina, as personagens femininas não traziam a representatividade da mulher real. As mulheres dos séculos passados eram descritas como tolas, o anjo do lar, sem voz e sem direitos, sujeitas ao autoritarismo masculino no qual a sua única opção era se calar e servir. Arabela sentiu que precisava dar voz às verdadeiras mulheres que, como ela, sabiam que seu lugar não era apenas como mera sombra do homem.

A partir desse ponto, Arabela resolve começar a escrever. Contudo, ela resolve, a princípio, não publicar os seus escritos como forma de evitar eventuais

problemas que tal *hobbie* poderia lhe causar. "Poderia a apreciação pública compensar meus sofrimentos, minhas decepções?... Não! então de que me serviria?!... Escreverei para mim unicamente, evitando assim qualquer mau êxito que me irritaria, aumentando-me os pesares!" (Bormann,1998, p.76). Para a personagem, apenas colocar no papel o que pensava era suficiente para sua libertação, ela acreditava que o simples fato de organizar as suas ideias em uma folha branca sem que isso chegasse aos outros ia lhe bastar. Afinal, ela queria se libertar do que lhe foi empregado e, para isso, não havia necessidade de uma apreciação pública ou até mesmo um desconforto social, pensamento que ela acabou deixando de lado mais à frente.

Assim, retomando a discussão anterior, Arabela começa a escrever o que, para Lygia Fagundes Telles, seria o seu "caderno goiabada". A personagem se entrega à escrita e nela encontra o conforto que a muito vinha procurando nos parceiros que não estavam preparados para uma mulher que não era para eles como um espelho. Norma Telles (2004) aponta que, nos séculos passados, a mulher era para os homens como um espelho mágico que tinha o poder de refletir o homem com o dobro de seu tamanho. Nenhum homem esperava por uma mulher astuta, capaz de o refutar ou que o seguisse até um bordel. Por isso, Arabela acabava quase sempre tendo romances que não terminavam bem, pois os homens sempre se irritavam e se decepcionavam com o jeito dela. Eles esperavam um espelho, uma mulher prendada e honrada que o servisse em casa, mas acabaram se aproximando de uma mulher que sabia dialogar e impor seu lugar e direitos.

Empolgada, Arabela dá início à escrita de seu romance. Assim que termina, lê para os seus pais que o recebem com alegria e parabenizam a filha por tamanho talento. No entanto, o apreço dos pais não lhe parece suficiente, ela imagina que eles gostaram apenas pelo fato dela ser sua filha. Arabela anseia por uma crítica livre de sentimentos, algo que possa, verdadeiramente, mostrar se ela está certa sobre o seu dom literário. Assim, a personagem pede para que seu médico leia a obra e só retorne ao final da leitura. Três dias após, Arabela recebe a visita do médico que descreve o livro da moça como "observador das coisas humanas acho-lhe palpitante veracidade. Além disso, amolda-se o estilo dúctil, elegante, feminino, a todas as imagens, como rosado *maillot* a

graciosos contornos. Enfim, escrevem os outros com a cabeça e você com o coração" (Bormann,1998, p.81). O médico fala então do quanto o livro lhe foi melancólico e lhe fez sofrer. Arabela, a princípio, se desculpa pelo sentimento que causou ao médico e, esse se despede comparando a moça a Lord Byron, " Adeus! Quanto a sua tendência literária, repetirei o grito de Byron - Away, Away!" (Bormann,1998, p.84).

Depois de ouvir a opinião do médico, Arabela sente que precisava saber se seu trabalho merece atenção e, devido a isso, decide enviar o seu romance para o chefe de redação da folha conservadora. O romance é aceito, apesar que, a princípio, o chefe de redação duvida que o trabalho tenha sido escrito por ela, pois, naquela época, não era comum mulheres escritoras e muitos julgavam que a mulher não possuía dom da escrita. "Aceitou-o o literato, inserindo-o no rodapé do jornal, duvidando de que essa produção fosse devida a uma pena feminina, como se desprendia do pseudônimo - Lésbia - que o firmava e da asseveração de quem o entregara" (Bormann,1998, p.85). Nos séculos passados, a autoria feminina não era muito bem vista. Muitas mulheres publicaram se escondendo sob um pseudônimo masculino para evitar o que ocorria com as escritoras que se arriscavam a publicar com seus verdadeiros nomes, pois elas "recebiam muitas críticas, porque estavam extrapolando o papel designado para elas" (Costa, 2018). Arabela usou um pseudônimo, mas não foi para se esconder, por medo de julgamentos, ela usou o pseudônimo para marcar aquele ponto da sua vida como o nascimento de uma nova mulher, a mulher escritora, devido a isso, a partir desse ponto vamos nos referir a personagem pelo pseudônimo Lésbia.

Logo depois, Lésbia é convidada para escrever folhetins semanais e isso a enche de alegrias e esperanças. Ela encontra no redator chefe um dos poucos homens que fosse "isento de preconceitos e do estudo, avaliando devidamente os esforços dos que convivem com as musas, ambicionando glória e renome" (Bormann,1998, p.85). Enquanto recebia a confiança e apreço do redator chefe, dos outros funcionários da folha conservadora, Arabela, recebia olhares suspeitos "adivinhou Lésbia a torpeza de seus pensamentos, viu que eles interpretavam com malignidade as suas palestras com o chefe e indignou-se" (Bormann,1998, p.87). Lésbia continuou escrevendo para o jornal conservador que acabou sendo isolado após a ascensão do partido liberal. Ela começou então

a compor novos romances e poemas, tendo como objetivos publicá-los em livros impressos, todavia não possuía dinheiro suficiente para tal desejo. Fatigada de tanto trabalho, Lésbia decide voltar para os eventos sociais, nos quais é recebida com olhares de admiração e inveja. Nesse evento, ela conhece o Dr. Castro.

Lésbia foi informada, muitas vezes, sobre os atos do Dr. Castro falando mal dela, porém a mesma não se importou, afinal de contas ele tinha uma filha e ela acreditava que, um dia, o homem iria se arrepender de tudo que disse. Sentindo um constante tédio da monotonia que se tornara a vida pública, Lésbia “votara-se ao estudo; não tinha muito tempo para exercer essas banais intrigas mundanas que a enfastiavam, deixando-lhe impressões enfadonhas e vazias de saudade” (Bormann,1998, p.94). Desde então, o contato masculino passou a ser

meros objetos de estudo, verdadeiros modelos psicológicos; antes de conhecê-los, excitavam-lhe a curiosidade artística, depois de analisados, tornavam-se de todo inúteis. Quanto mais conhecia os homens, mais se apegava aos livros, a fim de os evitar e esquecer, subindo sempre para as regiões superiores, onde somente imperam os grandes de espírito (Bormann,1998, p.95).

A vida amorosa da personagem sempre foi bastante conflituosa. Lésbia sempre esperou encontrar um homem que pudesse lhe compreender e que admirasse a sua inteligência e o seu desejo de se impor como mulher. Todavia, sempre que a personagem encontrava alguém, ela percebia que o seu parceiro esperava uma sombra e, isso foi a afastando, cada vez mais, do convívio social e masculino, o que, em certo ponto, foi bom para Lésbia, já que ela pode se dedicar à escrita e usou toda a sua vivência como inspiração para seus escritos.

Quando começou a escrever, Lésbia viu a escrita como um desabafo, uma forma de se livrar de todo aquele sentimento ruim que lhe acometia. Ao terminar sua primeira obra, ela percebeu que aquilo não era suficiente, um escritor anseia por críticas, por ver o seu trabalho reconhecido e Lésbia ansiava por isso. No capítulo 11 de Lésbia, Borman escreve sobre a vontade de Lésbia de ter a sua obra publicada em livros impressos. A protagonista é colocada diante de dois problemas que atrapalhavam a mulher escritora do século dezenove. O primeiro e mais óbvio problema, se dá no fato dela ser mulher. Não sendo bem vista pelo público masculino que, muitas vezes, acredita que quando uma mulher recebe o título de literata é porque está

assumindo o lugar de um homem que é o verdadeiro autor da obra ou porque está se deitando com o redator chefe. Comprova o narrador:

Contra a mulher de letras até na França era comum o preconceito, ainda no tempo em que George Sand resolveu-se a escrever. Keratry, a quem ela foi apresentada, a fim de consultá-lo, declarou-lhe que uma mulher não deve escrever. E Balzac, apesar de Balzac, talvez por ela ser mulher, não a animou nos seus projetos literários e pouco augurava das estréias, aliás pouco brilhantes, que ela fez no Figaro. O grande Lamennais dizia “Ainda não vi uma mulher capaz de seguir um arrazoado durante um quarto de hora” (Bormann,1998, p.97).

Não bastando apenas as críticas masculinas, as autoras ainda recebiam críticas daquelas que possuem o mesmo gênero, mulheres essas que corroboram com o ditado de que lugar de mulher é na cozinha. O segundo grande problema que é destacado no capítulo é o fato da personagem ser brasileira. O Brasil é um país em que, desde os seus primórdios, demonstrou enaltecer a literatura estrangeira em prejuízo da arte produzida em solo nacional.

Sendo brasileira, não tendo vindo de longínquas paragens, não nascendo no velho mundo, não dispondo de rótulo estrangeiro, não havendo talvez desfrutado misterioso e ignoto passado, acidentado de aventuras picantes que atenção pode merecer a que ousar transpor e quebrar o círculo de ferro que a todas encerra? Sofrem os descendentes do Brasil de uma afecção crônica, que se poderia denominar — *estrangeirismo*, e que os leva a engrandecer os outros países, detraindo o seu belo torrão natural e os esforços de todo o gênero de seus compatriotas, sem mesmo notar que incorrem em um rebaixamento nacional, matando também o estímulo e os bons impulsos dos que têm algum préstimo (Bormann,1998, p.97,98).

Mesmo com tais dificuldades, Lésbia conhece um editor que aceita publicar a sua obra em folhetim e propõe para a jovem autora a publicação em livros, numa tiragem de 1000 cópias, onde 500 pertenceriam à escritora e os outros 500 ficariam para o jornal. Lésbia aceita. Um mês depois, no rodapé da folha X apareceu o romance Blandina, escrito por Lésbia. Tal romance é descrito como “maravilhoso tecido, bordado de peripécias, onde cada personagem era perfeitamente descrito em seus defeitos e qualidades, mostrando no estudo psicológico verdadeira maestria” (Bormann,1998, p.103). O romance acabou recebendo a “frieza da imprensa”, foi vista pelos literatos que aprovaram a obra,

mas permaneceram calados sobre a mesma. Porém, uma crítica positiva foi escrita sobre a obra em um folhetim e Lésbia guardou o recorte para si. Quando o romance tomou reconhecimento público, a autora e obra começaram a receber severas críticas que chamavam o romance de imoral. Muitas dessas críticas vinham de mulheres mães de família, personagens essas que sofrem uma severa crítica do narrador.

Incapazes de enunciar qualquer observação sobre literatura, investiram as mulheres contra a moralidade de alguns personagens do romance, os quais, no entanto, poderiam servir-lhes de modelo em tudo e por tudo, [...] Sem dúvida, conservavam essas puristas, no fundo de alguma gaveta, gravuras que não podiam ser vistas e livros com o título *Leitura para homens*; preciosos passatempos, de misterioso sabor, verdadeiro incitamento histérico em horas de ócio (Bormann,1998, p.105).

Com tais afirmações, o narrador deixa claro a hipocrisia das mulheres que julgavam Lésbia. Nesse ponto do livro, além das mulheres, também há uma crítica aos homens que proibiram suas mulheres de lerem *Blandina*, como forma de preservar o “anjo do lar”, homens esses que os “deleitos começava no próprio lar, até a vista da mísera *Blandina* às esposas, falsamente ingênuas, que tomavam uns ares infantis, perguntando as amigas se ousavam ler aquela preciosa produção” (Bormann,1998, p.105). O grande público de *Blandina* eram as jovens solteiras, que buscavam na leitura encontrar a imoralidade que os mais velhos tentavam abolir e acabavam surpreendendo-se por “não encontrarem o que esperavam e entusiasmando-se pela grandeza de certos sentimentos pintados com vigor, e até então, desconhecidos por ela. “Acharam imorais os trabalhos de Lésbia os néscios e os dissolutos, de quem em geral se compõe a massa social, quando de fato a imoralidade só existia em seus obtusos cérebros, incapazes de compreendê-la” (Bormann,1998, p.107).

Os 500 volumes não tiveram uma boa venda, mesmo que chegasse a conhecimento de Lésbia que muitos amigos e parentes desejavam ler sua obra, mas eles não se direcionavam às livrarias para comprar os exemplares. Entretanto, tal problema não desmotivou a autora, pois a mesma alimentava o pensamento que “tivera a mesma sorte a primeira edição dos *Suspiros poéticos*,

de Magalhães” (Bormann,1998, p.109). O narrador conclui o capítulo com o pensamento: “todos querem admirar o poeta, porém de graça”.

No capítulo 13, temos o que pode ser determinado como uma síntese do trabalho de Lésbia, são citadas as obras que ela está publicando em folhetins, desde poemas a romances. Em especial um romance, cujo nome não é revelado pelo narrador. Sendo a obra preferida de Lésbia, pois possui “um admirável estudo psicológico, em rendilhado estilo, linguagem castigada, verdadeiro primor” (Bormann, 1998, p.110). Esta obra acabou sofrendo críticas do público e, como tudo que a autora escrevia, foi taxado de imoral. Isso faz com que Lésbia se sentisse triste por um tempo, mas logo depois, como forma de vingança, ela publica *Os garotos*, um poema satírico que é comparado pelo narrador à obra de Bocage. Esse poema “vendendo-se os mil folhetos em menos de uma quinzena... induziu a cultivar esse produto de fácil extração e ótimo resultado” (Bormann,1998, p.111).

Depois de todo esse ocorrido, a personagem é avisada de que o seu marido, personagem sem nome apresentado no início da obra, faleceu. Lésbia Arabela finalmente se encontra livre e, isso faz com que ela procure, novamente, um homem que a respeite e a aceite da forma que ela é. Então, ela é apresentada ao Dr. Pereira, um homem de “caráter ilibado, homem distinto, de rara erudição, de exagerada modéstia ou antes, absolutamente indiferente a todo e qualquer encarecimento” (Bormann,1998, p.121). O personagem admira os escritos de Lésbia. Depois de um tempo nutrindo a amizade, o Dr. Pereira confessa os seus sentimentos. Lésbia ouve tudo em silêncio, apreciando cada palavra que saía dos lábios de seu cortejante. Ao final, sorriu e lhe respondeu com as seguintes palavras: “ Serei a tua Lésbia e tu serás o meu Catulo! Tens muitos pontos de contato com o primeiro poeta latino; como as dele possuem as tuas poesias e mesma graça singela, a natural elegância e a apaixonada mordentes... Trabalharemos juntos, completar-nos-emos e os deuses nos invejarão!” (Bormann,1998, p.124).

Catulo foi um dos maiores poetas líricos da Roma Antiga, ele cantou, conforme Norma Telles, “em poema erótico, sob o nome de Lésbia à Clódia, esposa de um cônsul. Ela o troca por outro, ele permanece fiel, mas é um dos que escreve contra ela” (Telles, 2012, p. 394). Esse poeta foi uma grande

inspiração para Délia em sua obra, porém ela faz uma inversão dos papéis, em sua obra Lésbia é a escritora e Catulo o seu fiel companheiro, o homem que ela sempre esperou encontrar.

Em Lésbia, que evoca Safo, ela encontra a ancestral, a precursora para uma tradição clássica que encerrava a promessa de um lirismo que trazia em si o desejo como antiga fonte de inspiração. A inversão de atividades entre Catulo e Lésbia reforça essa ideia, pois aqui ela não é personagem de poemas célebres de um autor famoso, mas ela própria é autora e ele, sua personagem (Telles, 2012, p.394).

A personagem tem a sorte de ganhar na loteria. Com o prêmio compra uma casa para si, onde, por um tempo, isola-se daqueles que estão à sua procura apenas para conseguir uma parte do prêmio. A única pessoa que ela deixa entrar em seus aposentos é o seu amado Catulo. No capítulo 15, é possível perceber a grande admiração que o personagem tem por Lésbia, exaltando o seu orgulho e o seu medo de um dia chegar a perdê-la para outro. Ele chega até a perguntar sobre um personagem escrito pela moça, que se parece com ele em sentimentos e é deixado por sua amada. Lésbia responde que há duas vivendo dentro dela, uma mulher e uma autora e que, por mais que ela escreva algumas coisas, não viveria daquela forma. Que a autora, em muitos aspectos, se difere de sua obra. Tal afirmação comprova o fato da personagem e também da autora ter para si dois nomes, e se ver como duas pessoas, uma mulher oitocentista e a mulher escritora. A partir dessa afirmação, pode-se também ligar a fala de Fernando Pessoa, em que ele diz que “um poeta é um fingidor”, no caso, a autora. Relaciona também o pensamento de Antonio Candido (2000) quando atribui o caráter imaginário presente nas personagens de uma obra.

Depois que a vitória de Lésbia na loteria foi noticiada, Lésbia obteve muitos rapazes em sua porta, dispostos a se casar com ela e conquistar o seu dote. Não estando interessada, mesmo assim, ela os recebeu em sua casa para ouvir o que os “pretendentes” tinham a dizer e logo após dava a sua resposta. Um desses pretendentes foi o Visconde de Pascoval, que galanteia a jovem com as suas palavras vazias e, por fim, a pede em casamento dizendo que, ao aceitar, a moça herdaria os seus títulos de nobreza e sua riqueza. Lésbia retruca dizendo

que, para ela, nobreza não são títulos e, sim, o dom da arte que nasce com algumas pessoas, ela critica o posicionamento e o modo de vida dos ricos, que estão sempre se afundando em dívidas e colocando os pobres para trabalhar e lutar as suas lutas. Termina sua fala dizendo que “esses títulos ficariam melhor nos beneméritos soldados negros do que nos brancos traficantes de carne humana”(Bormann, 1998, p.135). Ela deixa clara a sua aversão pela escravidão e, ainda fala que de nada serviu a abolição brasileira, uma vez que deram liberdade aos negros, porém não lhes deram oportunidade de vida. Lésbia ainda diz que, quando se casar novamente, não quer que seu marido tenha títulos e que ela não sustentará nenhum título herdado, afinal de contas, ela tem o título da arte e o homem com quem casar receberá a titulação de marido de Lésbia.

Mais à frente, o leitor se depara com uma conversa entre Lésbia e Catulo, em que o personagem compara a proximidade da escrita da autora com a do escritor Goethe, ambos, Lésbia e Catulo, tem como livro preferido a obra *Os sofrimentos do jovem Werther*, escrito pelo autor. Nessa conversa, a personagem fala sobre o seu processo de criação, e explica em que a sua escrita se difere da dos outros autores. Ela não busca, em sua escrita, um grau de erudição, mas sim uma proximidade da vida real. “Tornou-se a composição parte essencial da minha experiência; é um ato que por assim dizer, a continua completa. Foi a exuberância de minhas emoções pessoais que me fez escritora e não a vanglória, aliás bem desculpável, de conquistar renome” (Bormann, 1998, p.142).

Os pais de Lésbia falecem já no final da obra, fazendo com que a escritora se torne muito melancólica. Ela, todos os dias, vai ao cemitério não aceitando o triste fim daqueles que tanto amou. Logo depois, quando o luto começa a chegar ao fim, dedica todo o sentimento que sente a Catulo, tendo-o agora como alguém da família. Como uma forma de buscar inspiração e também descansar, Lésbia e Catulo viajam para a Europa, enfrentando, no caminho, uma forte tempestade, o que faz com que os personagens pensem que vão morrer. Catulo fica preocupado em morrer daquele jeito e pensa que seria um triste fim para Lésbia, mas a personagem o acalma mostrando que a morte chegará um dia para todos, não importa a quem ou como. Chegando na Europa, eles ficam pouco tempo em Portugal, depois seguem para a França e depois vão a Roma, onde

ficam por um ano. Durante esse período, Lésbia vai à igreja todos os dias, assim como observa os grandes monumentos e a criação humana, voltando para casa, é recebida com muito louvor. A viagem da Lésbia e seu amante não é descrita em detalhes, o que se tem é uma descrição de sentimentos da personagem, que recebe propostas de casamento, os quais não aceita. Ao voltar para seu conforto, ela conhece um jovem de 22 anos, por quem, aos 40, se apaixona. Essa parte do livro foi duramente criticada,

Araripe Júnior diz: “Para gata velha, camundongo novo, diz o refrão”. Mas o que fazer com essa afirmação que nós, um século depois, ainda discutimos em relação a tantas outras mulheres? Creio que só lembrar outra mulher no Rio de Janeiro, Chiquinha Gonzaga, boêmia e compositora renomada, em 1092 passeando com o jovem João Batista quarenta e tantos anos mais moço do que ela, vivendo feliz com ele até que a morte os separou. No livro de Délia, Alberto, o jovem, era leitor de Lésbia desde os doze anos, adorava seus livros e a tal ponto que eles haviam sido o incentivo para que ele estudasse. Quer dizer, ele fora seduzido pela escrita, pelos livros dela, ele se formara nessas leituras; era sua criação. Ele deslumbra-se com ela que, como Pigmalião, fica seduzido pela própria criação. Mas, embora fique tentada a ocupar o coração do rapaz, pesa-lhe muito a idade. E por que não pode a mulher se apaixonar pela juventude? Intervém Heloísa, noiva de Alberto, pedindo-lhe para deixá-lo. Ela concede (Telles, 2012, p.396,397).

Para os homens, era comum a paixão e o romance com uma mulher anos mais nova, para uma mulher isso era visto como algo terrível. Mesmo apaixonada por Alberto, Lésbia não se entregou ao relacionamento, ela temeu por Alberto e também por Catulo. Não queria estragar a vida do jovem, que estava noivo de sua prima Heloísa e também não queria trair o homem que fora bom para ela, o homem que a entendeu e a apoiou, de todos o único que foi o seu verdadeiro alicerce. Por fim, Lésbia também não queria trair a si mesma. No final da história, já tendo conquistado tudo que desejou e triste pelos acontecimentos que estavam a levando para traição de si mesma, Lésbia opta pelo suicídio.

Norma Telles traz uma discussão, em seu livro, sobre como os códigos da época privilegiarem o suicídio por amor, sabemos também que, muitos personagens de livros oitocentistas (principalmente mulheres), morreram ao invés de cometerem transgressões.

O prefácio é escrito em 1890, data da publicação, enquanto o livro foi escrito em 1884, conforme a própria autora faz questão de assinalar ao final. Entre as duas datas insere-se a ambiguidade da motivação: o prefácio seria uma concessão à publicação? Talvez. Evitar trair o amado, menos importante do que a si mesma e aí outras considerações se somam: a velhice que se aproxima, a decadência das faculdades mentais, afirma a personagem, a intimidade; e, principalmente, o cansaço em relação à repetição, de desenganos e desamores; de eventos e sobressaltos. A personagem afirma estar casada da repetição. E saberia continuar escrevendo quando nada mais de novo a incitasse? (Telles, 2012, p.406).

Para a sociedade daquela época, morrer por amor era algo mais brando, algo mais esperado. A humanidade sempre temeu a velhice e prefere deixá-la de lado, ignorar o velho e tudo que se aproxima de um fim. Para Lésbia, perder o dom da escrita, não conseguir mais criar, era muito pior do que perder um amado. Durante toda a sua vida, ela foi moldando e vivendo relacionamentos de perda. Por mais que Catulo tenha lhe parecido um porto seguro, conseguir manter a si mesma, ter a sua independência e poder mostrar a sua voz era algo mais importante para Lésbia. Ao conhecer Alberto, ela percebeu que caminhava para a decadência e optou pelo seu fim, enquanto ainda era independente e dona de si mesma. Ela não se matou por amor, ela matou a sua criatividade, aquilo que a tornava uma obra artística e que estava se esvaindo.

Antes de optar pelo suicídio, a personagem deixa algumas cartas, como forma de se explicar para aqueles com quem tanto se importava. As cartas não parecem terem sido escritas por uma mulher que temia a traição amorosa. A carta foi uma afirmação que Norma Telles diz ser ousada e provocadora. Assim se dá o fim da escritora, representação das mulheres que ousaram escrever em uma época na qual eram podadas. Muitos, como Igenes Sabino, dizem que Arabela/Lésbia, era nada mais que um retrato de Maria Benedita Bormann/Délia, mas nada se sabe ou se comprova. Tudo que se pode constatar é que a personagem é um perfeito exemplo da mulher que lutou para ter a sua independência, um teto só seu no qual pudesse dar vida aos seus escritos e a sua voz.

Como mulher deveria sempre renunciar. Mas Lésbia não renuncia, não simpatiza com essa atitude. Ela é afirmativa e agressiva. Ela vai atrás do que deseja; toma iniciativas nos casos amorosos, manda embora pretendentes, vários admiradores. Mas até o final insiste em afirmar que a escritora pode aperfeiçoar o Eu, enquanto a mulher não consegue domar as paixões, deixa-se

levar pelos excessos de um coração monstruoso, enigmático (Telles, 2012, p.409).

Lésbia não era constante, não seguia razões muito menos preceitos, ela se encantava pelo novo e fazia dele um objeto de sua inspiração, um motivo para ganhar voz em sua escrita, o que a tornava surpreendente, conquistava ódio e admiração. Ela escolheu estudar os homens, buscou e conquistou uma forma de se igualar a eles, sofreu, mas, no fim, viu-se realizada. Tornou-se imortal através dos seus escritos.

Maria Benedita Bormann, assim como outras mulheres que viveram no Brasil no século XIX, foi uma das mulheres que não só buscou o conhecimento fora do que era designado às mulheres, mas também foi atrás de um conhecimento erudito que lhe proporcionou escrever obras que não só imitavam a sociedade daquela época, como também a dos dias atuais. Mesmo recebendo duras críticas sobre seu trabalho, sendo a maioria delas do crítico Araripe Júnior, Bormann não se rendeu e continuou produzindo suas obras, provando-nos que, apesar das dificuldades, a mulher oitocentista lutava pelos seus direitos. Ao escrever *Lésbia*, ela nos mostra o poder do personagem sobre o público, provocando-lhes um olhar crítico sobre o que é exaltado e o que é excluído, dando-nos uma obra que, não só critica a dificuldade de ser autora em solo nacional, mas mostrando também os problemas na literatura brasileira e o que os seus autores sofrem.

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise sobre a vida das mulheres oitocentistas, trazendo uma nova visão sobre a mulher de época e comprovando que, apesar de viverem regradas por um código de conduta, muitas ousaram derrubar barreiras e mostrar o seu talento para a sociedade. Conforme a autora Maria Benedita Bormann em sua obra *Lésbia*, podemos perceber que a mulher escritora teve grandes dificuldades, naquele século. Para conseguir reconhecimento, não bastava talento e força de vontade, mas também dinheiro e ousadia. Como disse Virgínia Woolf, “uma mulher precisa de dinheiro e um teto todo seu para conseguir produzir literatura” (Woolf, 2014, p.12) e foi o que Lésbia conquistou em sua história. Percebeu-se também que a leitura foi algo de grande importância na formação da mulher escritora, uma vez que, deixando de lado os “livros para mulheres” e lendo

filósofos e outros autores, a personagem adquiriu conhecimento e levou os seus autores favoritos como inspiração para seus escritos.

No XVIII Seminário Internacional Mulher e Literatura, a Professora Doutora Constância Lima Duarte (2019) falou sobre o conceito de memoricídio da autoria feminina, abrindo os olhos da sociedade para o silenciamento das autoras que viveram no Brasil nos séculos passados. Maria Benedita Bormann teceu em seu livro uma mulher que lutou pelos seus sonhos. No plano da ficção, temos uma mulher que passa por humilhações de um marido, por não aceitar uma companheira que não fosse a sua sombra. Uma mulher cuja escrita foi julgada e desacreditada, porém conseguiu reconhecimento e um título de autora em um período no qual a autoria era de grande maioria masculina. Não somente a personagem, mas acredita-se que a autora também tenha conseguido tais feitos, porém seu nome foi esquecido logo após o seu falecimento e não só o dela, muitas outras autoras sofrem o memoricídio.

Conforme Norma Telles (2004, p.342) conquistar o título de autora em solo nacional é algo que sempre foi muito difícil para mulheres brasileiras. Telles cita a fala de Hilda Hilst, afirmando que a escrita requer esforço; cita também Raquel Jardim, que "demorou para se aceitar como escritora, pois colocará sua necessidade de criar na casa e na combinação dos pratos que servia". Teles completa afirmando que a escrita feminina é uma luta travada há mais de um século por aquelas que não se importaram, primeiramente, com o pensamento dos outros. Elas tentaram se livrar da tirania a que foram reféns e ousaram aprender e compartilhar os seus conhecimentos, deixando-nos obras que, hoje, são um exemplo de uma luta que perdura até mesmo nos dias atuais. Este estudo prova a necessidade do resgate dessas autoras, não só pela qualidade das obras, mas também para mostrar que a mulher teve e tem o seu papel na literatura e como os grandes autores, elas também devem ser estudadas e lembradas.

Referências

Bíblia. Português. Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: King's Cross Publicações, 2019.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio. A Personagem de Ficção. São Paulo: Perspectiva, 2000. p. 53-80.

COSTA, Camilla. As escritoras que tiveram de usar pseudônimos masculinos – e agora serão lidas com seus nomes verdadeiros. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43592400>. Acesso em: 05 abr. 2021.

CULT, Revista (ed.). 10 autoras que publicavam sob pseudônimos masculinos. 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/10-autoras-que-precisaram-de-pseudonimos-masculinos-para-publicar-suas-obras/>. Acesso em: 13 ago. 2019.

GARCEZ, Lucília. A leitura da leitura. 2012. Disponível em: https://blogs.correiobraziliense.com.br/dad/a_leitura_da_leitura/#:~:text=Compreende%20que%20a%20leitura%20%C3%A9,amplia%20a%20vis%C3%A3o%20de%20mundo. Acesso em: 01 abr. 2021.

BORMANN, Maria Benedita. Lésbia. Florianópolis: Mulheres, 1998.

PERROT, Michele. Minha história das mulheres. São Paulo: Contexto, 2007.

SCHOLZE, Lia. A mulher na literatura: gênero e representação. In: DUARTE, Constância Lima. Gênero e representação na literatura brasileira. Belo Horizonte: Ufmg, 2002. p. 174-181.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: PRIORE, Mary del. História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2004.

TELLES, Norma. Encantações: escritoras e imaginação literária no brasil - século xix. São Paulo: Intermeios, 2012.

WOOLF, Virginia. Um teto todo seu. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

Recebido em janeiro de 2024.
Aprovado em julho de 2024.